



# OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

## O ESTUDANTE IDOSO E SUA RELAÇÃO COM OS JOVENS NA EJA

EL ALUMNO MAYOR Y SU RELACIÓN CON LOS JÓVENES EN LA EJA

## THE ELDERLY STUDENT AND THEIR RELATIONSHIP WITH YOUNG PEOPLE IN ADULT EDUCATION

Betania Sena Fonseca  
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP  
betania.sena@hotmail.com

Tatiane Kelly Pinto de Carvalho  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB  
tkpcarvalho@gmail.com

Rosa Maria da Exaltação Coutrim  
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP  
rosacoutrim@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com alunos idosos matriculados na Educação de Jovens e Adultos. O principal objetivo foi investigar como o estudante idoso avalia a relação com os jovens de até 18 anos nas salas multigeracionais na EJA, no município de Mariana, MG. A abordagem metodológica, de cunho qualitativo, contemplou a análise documental e a revisão bibliográfica, e ainda contou com quatro entrevistas com estudantes acima dos 60 anos e questionários aplicados a duas professoras atuantes em salas multigeracionais da EJA. A análise das pesquisas produzidas sobre o tema ao longo dos últimos vinte anos mostrou que a discussão sobre os idosos na EJA ainda carece de estudos, principalmente quando se refere às relações intergeracionais com os mais jovens. O retorno ou o ingresso dos entrevistados à escola na maturidade é decorrente da vontade de aprender, de se inserir socialmente e da realização de um antigo sonho, e não necessariamente da busca do diploma e de melhores salários. Os resultados demonstraram também que, para os estudantes entrevistados, não existem graves problemas relacionados a conflitos geracionais nas salas de aula. Além disso, eles reconhecem o aprendizado mútuo que existe entre as duas gerações. Os dados ainda revelaram que a convivência entre os dois grupos etários em um mesmo espaço não apresenta maiores tensões, porém, atos de indisciplina dos jovens estudantes, como conversar durante a explicação da matéria, incomodam os mais velhos, que consideram desrespeito ao docente.



**Palavras-chave:** Relações intergeracionais. Educação de idosos. Educação de jovens e adultos.

**Resumen:** Este artículo presenta los resultados de una encuesta realizada a estudiantes mayores matriculados en Educación de Jóvenes y Adultos. El principal objetivo fue investigar cómo estudiantes mayores evalúan sus relaciones con jóvenes de hasta 18 años en salas multigeneracionales de la EJA, en la ciudad de Mariana, MG. El enfoque metodológico, de carácter cualitativo, incluyó análisis documental y revisión bibliográfica, cuatro entrevistas a estudiantes mayores de 60 años y cuestionarios aplicados a dos docentes que trabajan en las aulas multigeneracionales de la EJA. Los análisis de las investigaciones realizadas sobre el tema en los últimos veinte años muestran que la discusión sobre las personas mayores en la EJA aún carece de estudios, especialmente cuando se refiere a las relaciones intergeneracionales con los más jóvenes. El regreso o ingreso de los entrevistados a la escuela en madurez se debe al deseo de aprender, de integrarse socialmente y a la realización de un viejo sueño, y no necesariamente a la búsqueda de un diploma y mejores salarios. Los resultados también demostraron que para los estudiantes entrevistados no existen problemas graves relacionados con conflictos generacionales en el aula y reconocen el aprendizaje mutuo que existe entre las dos generaciones. Los datos también revelaron que la convivencia entre los dos grupos etarios en un mismo espacio no presenta mayores tensiones, sin embargo, actos de indisciplina por parte de los estudiantes jóvenes, como hablar mientras se explica el material, molestan a los estudiantes mayores, quienes lo consideran una falta de respeto al docente.

**Palabras clave:** Relaciones intergeneracionales; Educación de las personas mayores; Educación de jóvenes y adultos.

**Abstract:** This article presents the results of a research carried out with elderly students enrolled in Youth and Adult Education. The main objective was to investigate how elderly students evaluate their relationships with young people up to 18 years old in multigenerational rooms at EJA, in the city of Mariana, MG. The methodological approach, of a qualitative nature, included documentary analysis and bibliographic review, and also included four interviews with students over 60 years of age and questionnaires applied to two teachers working in EJA's multigenerational classrooms. Analyzes of research produced on the topic over the last twenty years have shown that the discussion about the elderly in EJA still lacks studies, especially when referring to intergenerational relationships with younger people. The return or entry of the interviewees to school in maturity is due to the desire to learn, to integrate socially and the realization of an old dream, and not necessarily the search for a diploma and better salaries. The results also demonstrated that for the students interviewed, there are no serious problems related to generational conflicts in the classroom. Furthermore, they recognize the mutual learning that exists between the two generations. The data also revealed that coexistence between the two age groups in the same space does not present major tensions, however, acts of indiscipline by young students, such as talking while explaining the material, bother the older students, who consider it disrespectful to the teacher.

**Keywords:** Intergenerational relationships; Education of the elderly; Education of young people and adults.

## Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi criada com a intenção de universalizar a escolarização das pessoas que não tiveram acesso à escola ou não puderam dar continuidade aos estudos no Ensino Fundamental e Médio na infância e adolescência, de acordo com o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases



da Educação Nacional. É uma modalidade de ensino que atende jovens, adultos e idosos e tem como estratégia, para além da formação, a superação da desigualdade social, principalmente por meio da escolarização. Segundo Arroyo (2011), a EJA é um campo que carrega muitas complexidades e requer definições e reflexões teóricas específicas, diferenciando-se das outras modalidades de ensino por sua diversidade. Desse modo, entender a dinâmica nas salas de aula da EJA no Brasil exige um olhar que consiga alcançar as diferentes realidades discentes que retomam ou continuam os estudos nesta modalidade.

Na pesquisa realizada por Santos e Silva (2020), referente ao estado do conhecimento das produções científicas sobre sujeitos da EJA no Brasil, as autoras observaram que os estudos que objetivavam compreender os sujeitos desta modalidade de ensino são, até então, poucos. Desse modo, ainda há um campo de investigação a ser explorado pelos pesquisadores da área, como destacaram as supramencionadas autoras.

Tal complexidade do fenômeno requer dos pesquisadores a busca constante da compreensão da multiplicidade e da diversidade do perfil do estudante da EJA, que sempre foi conhecida por possuir um público diverso e de diferentes faixas etárias. Os alunos são, em sua maior parte, trabalhadores braçais ou possuem empregos que exigem pouca qualificação, desempregados, donas de casa, jovens, adultos ou idosos que possuem diferentes crenças, culturas e etnias. Por se tratar de um público tão diverso, os desafios encontrados em sala de aula pelos professores e pelos próprios estudantes são muitos. Por isso, é fundamental que, cada vez mais, pesquisadores se dediquem a conhecer melhor como ocorrem as interações entre os diferentes grupos.

Nas últimas décadas, as salas de aula da EJA vêm recebendo um grande número de alunos cada vez mais jovens, na faixa etária entre 15 e 18 anos, cujo fenômeno tem sido denominado “Juvenilização da EJA” (Carrano, 2007; Brunel, 2004; Furtado, 2009; Conceição, 2014). As causas deste fenômeno são inúmeras, sendo as mais apontadas pelas pesquisas o insucesso escolar e a necessidade de o jovem iniciar no mundo do trabalho. Como consequência da chegada dos alunos mais jovens à EJA, as salas de aula têm se tornado multigeracionais; são grupos etários com diferentes experiências, referências e percepções de mundo, trazendo novos desafios aos educadores, uma vez que demandam estratégias de atuação que visem atender tanto o adolescente quanto o idoso.

Além das diferenças no processo de aprendizado, as duas gerações apresentam projetos de vida, comportamentos e expectativas diferentes em relação à escola, o que pode gerar conflitos e momentos de tensão no convívio na sala de aula. Nesse sentido, buscando conhecer melhor a relação entre os jovens e os idosos na escola, este estudo trouxe como objetivo principal investigar, a partir do olhar do estudante idoso, como são construídas as relações



com os jovens de até 18 anos nas salas multigeracionais na EJA.

Assim sendo, os resultados desta pesquisa apresentam subsídios novos, que poderão auxiliar os estudos sobre a EJA, as relações intergeracionais e, principalmente, a educação gerontológica. Sem a pretensão de esgotar as discussões sobre a temática, o intuito é contribuir para o campo da educação e da sociologia da educação no que diz respeito às diferenças e desigualdades no processo de escolarização.

## **A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: algumas considerações**

A Educação de Jovens e Adultos surgiu no país na década de 40 do século XX, momento em que a taxa de analfabetismo compreendia mais da metade da população brasileira. Conforme sinalizam Carvalho et al. (2020), como a implementação da educação tardia de jovens e adultos era uma política educacional necessária no país, em 1947 houve a primeira ação governamental dirigida a sanar esse problema: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), promovida pelo Ministério da Educação e Saúde.

Um pouco mais tarde, já na década de 1960, Paulo Freire despontava no cenário nacional como uma das principais referências em relação à EJA. A prática freiriana adotada consistia em uma alfabetização pela leitura de mundo, com a intenção de alfabetizar o indivíduo e inseri-lo na sociedade como cidadão crítico e ativo (Carvalho et al., 2020). Vale ainda destacarmos, assim como apontam Britto e Di Giorgi (2022), que Freire considerava a alfabetização uma “ação cultural”, que tinha forte relação com a percepção de “releitura” da realidade.

Contudo, com o golpe civil-militar em 1964, o principal programa instaurado para a solução do problema do analfabetismo foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que ocorreu em substituição ao método de alfabetização de adultos preconizado pelo educador Paulo Freire. O modelo oferecia um ideal de reprodução sem muitas possibilidades de reflexão – o que, inclusive, levou o termo Mobral a ser utilizado por muito tempo em sentido pejorativo, indicando uma alfabetização precária (Santos, 2014).

Outro marco na EJA ocorreu em 1988, com a nova Constituição Federal. Segundo o documento, para além do ingresso na escola, é direito dos indivíduos a sua permanência, inclusive daqueles que não tiveram acesso ao processo de escolarização na idade própria. Entretanto, somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) é que houve, de fato, avanços significativos nessa modalidade de ensino, como exposto no documento:

Art. 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e



médio na idade própria". Essa definição da EJA nos esclarece o potencial de educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino possui (Brasil, 1996, s/p.).

Sendo instituída pela referida lei, a EJA tinha o “(...) desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas” (Brasil, 1996). Entretanto, acerca dos retrocessos da EJA nos últimos anos, Machado (2016) afirma que a falta gerenciamento por parte do Estado, tem causado perda de identidade do programa enquanto modalidade voltada a trabalhadores. Além disso, cabe ressaltar que a EJA não se trata de um programa de caridade para com os estudantes pobres (Carvalho et al. 2020); um de seus objetivos é sanar a dívida social histórica daqueles que não puderam acessar os bancos escolares em idade própria.

A esse respeito, Viana (2014, p. 24) explica que “(...) as distinções escolares estariam sistematicamente associadas a desigualdades sociais que são produzidas, sobretudo, pelas desigualdades de acesso ao capital cultural, repartido de maneira diversa entre os grupos da sociedade”. Neste aspecto, os alunos da EJA, assim como apontam Carvalho et al. (2020), teriam interrompido os estudos por motivos diversos – problema em que se destaca a situação das mulheres, cujo desempenho é conciliado com funções profissionais, acompanhamento da escolarização dos filhos, afazeres do lar, sem contar ainda que as mulheres trabalham em casa o dobro de horas comparadas aos homens (Suassuna, 2020). Deste modo,

Quando se refere às alunas, envolvem, além do cansaço relacionado com a dupla jornada de trabalho, questões que recaem sobre o casamento e a maternidade, dentre outros motivos. Por conseguinte, estabelecem uma relação direta com o papel que a mulher assume na sociedade (Camargo, 2012, p. 157).

Salienta-se, ainda, como revela Turella (2020), que ao lado da retomada tardia dos alunos da EJA à escola, estes indivíduos ainda carregam fatores que acabam por impactar a aquisição de conhecimento: a conciliação entre estudos e trabalho, o cuidado com a família, problemas de mobilidade à instituição escolar, e baixa autoestima. Estes elementos nos mostram o quanto tem sido desafiadora a história da educação de jovens e adultos em um país marcado pela desigualdade social e educativa.

Aproximando-se das constatações de Turella (2023), Reis (2023, p. 4) afirma ainda que a EJA abraça indivíduos que enfrentam desafios singulares,



como “(...) a superação de lacunas educacionais prévias e a adaptação a um ambiente formal de aprendizagem após períodos significativos afastados dos bancos escolares”. Ainda segundo o autor, mesmo com avanços teóricos e políticos, a EJA enfrenta a escassez de recursos que comprometem a qualidade do ensino ofertado, impactando no engajamento dos alunos, e refletindo nas taxas de evasão.

### **O perfil dos alunos da EJA: os jovens e os idosos**

Inicialmente, é pertinente lembrar, assim como apontam Carvalho et al. (2020), que embora estes indivíduos tenham retomado a escolarização nesta modalidade de ensino, as causas que os fizeram abandonar a educação regular no passado são diversas: desafios para acompanhar os estudos, necessidade de cuidar dos filhos e do lar, não considerar o estudo escolar como algo importante, problemas financeiros, entre outros. Portanto, esse cenário desigual é algo que precisa ser levado em consideração no que se refere às trajetórias escolares dos indivíduos que estão matriculados na EJA.

A Política de Educação de Jovens e Adultos passou por inúmeras mudanças ao longo dos anos no Brasil. Contudo, entre avanços e retrocessos, a pouca visibilidade destinada aos que abandonaram ou nunca começaram os estudos, ou dos que foram excluídos dos bancos escolares precocemente, ainda se mantém. Nesse ínterim, cabe também destacar que o perfil das turmas da EJA modificou-se: após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a idade mínima para o ingresso nesta modalidade de ensino, que era de 18 anos, passou a ser de 15 anos para o Ensino Fundamental e de 18 anos para o Ensino Médio, intensificando o fenômeno da juvenilização da EJA (Rummert, 2007). Acrescenta-se ainda que,

Por muito tempo a EJA esteve configurada só como educação de jovens e adultos objetivando, principalmente, a alfabetização dessas pessoas. Com o rejuvenescimento da população que frequenta essa modalidade, a EJA deve alargar seu campo de prática e de análise, considerando os novos perfis e as novas circunstâncias históricas dos alunos adolescentes e jovens. Além disso, as faixas etárias, as necessidades, as potencialidades e as expectativas em relação à vida dos novos estudantes precisam ser consideradas para que se efetive o atendimento dos adolescentes, jovens e adultos que buscam seu direito à educação (Silva, 2010, p. 105).

Como revelado no excerto de Silva (2010), o ingresso de pessoas com menos de 18 anos na EJA não é um fenômeno tão recente, mas tem sido cada vez mais frequente. O fenômeno da juvenilização nesta modalidade de ensino



tem ganhado maior visibilidade, despertando o interesse de pesquisadores sobre juventude e a educação de jovens e adultos. Haddad e Di Pierro (2000) e Brunel (2004) já tinham observado a presença crescente de adolescentes com menos de 18 anos nas salas da EJA no início dos anos 2000. Os estudos da área demonstram que esses estudantes, em sua maioria, possuem trajetórias escolares marcadas por sucessivas reprovações, “fracasso escolar”, evasão ou exclusão do processo educativo.

Na mesma direção, Rodrigues (2012) afirma que os jovens, ao chegarem à EJA, já estão desmotivados e desencantados com a escola, visto que a maioria apresenta um histórico de sucessivas repetências. Dessa forma, diante da necessidade de conhecer quem é o jovem que está inserido na Educação de Jovens e Adultos, Carrano (2007) ressalta a importância de entender como acontecem as mudanças de perfil dos alunos que frequentam a EJA, e como eles são afetados pelas transformações que ocorrem em sua vida escolar, com os professores e colegas de sala.

No outro extremo dos grupos etários que frequentam a EJA estão os alunos com mais de 60 anos. A pessoa idosa, pelo próprio fenômeno do envelhecimento, já faz parte de um público que enfrenta processos de exclusão e vulnerabilidade social, além de dificuldades com a tecnologia, pouco acesso à cultura, entre outros desafios. A educação para adultos, portanto, é também uma tentativa de inserir os idosos na própria dinâmica de participação social, em uma busca dos direitos que devem ser usufruídos, de modo que eles possam se sentir parte da construção societária.

Para muitos idosos, o processo de envelhecimento traz ensejos pessoais de realizar atividades que, durante a vida ativa e adulta, não foram possíveis de concretizar. Assim, entendemos que os idosos buscam a escola como desejo pessoal e forma de significação social, visto que uma grande parte deles possui uma trajetória escolar marcada por muitas dificuldades relacionadas à frequência e à estabilidade nos estudos, encontrando na velhice a oportunidade para lutar contra a exclusão social. Sobre os estudantes idosos e a busca de significações para a vida, precisamos ter em mente que “(...) seguimos todos envelhecendo, com a tarefa humana de criar significações para os fatos que marcam a nossa existência” (Py, 2006, p. 113-114).

Retomar os estudos estimula, ainda, o aluno idoso na sua própria valorização enquanto sujeito social, trazendo inúmeros benefícios como o convívio social, a possibilidade de ressignificar a maneira de ver e agir na sociedade contemporânea, a elevação da autoestima, a participação em atividades sociais e escolares, entre outros. Entretanto, os idosos encontram diversas barreiras quando decidem voltar à escola: a primeira delas é quanto à imagem de incapacidade que é frequentemente atribuída a eles, gerando



preconceito por parte dos próprios professores e de outros alunos, e a segunda é devido à própria condição física, causando limitações para a realização de seus projetos (Rodrigues, 2012).

À vista disso, entender melhor o processo de interação, principalmente entre os dois extremos etários, que são os idosos com mais de 60 anos e o jovem com menos de 18 anos, é importante para a reflexão pertinente à maneira como as diferentes gerações se relacionam, não apenas na sala de aula, mas nos espaços comuns de socialização. Deste modo, “(...) refletir sobre jovens, adultos e idosos que estudam na EJA nessa perspectiva significa considerá-los para além da dimensão cognitiva a partir da qual são pensados no processo histórico de escolarização” (Santos; Silva, 2020, p. 4). Assim, buscando compreender como os alunos idosos vivenciam o espaço escolar em interação com os jovens, apresentamos, a seguir, os caminhos percorridos nesta investigação.

## **Percorso Metodológico**

A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como foco homens e mulheres com mais de 60 anos que estudam na modalidade da EJA no município de Mariana, Minas Gerais, e foi realizada no ano de 2023, por meio de três etapas. A primeira foi um estudo bibliográfico que consistiu em analisar os trabalhos sobre a temática das relações intergeracionais na EJA publicados nos últimos 20 anos (livros, artigos, teses e dissertações). Adotamos o recorte de 2012 – 2022 para a realização de buscas nos portais de teses e dissertações da CAPES, Google Acadêmico e Scielo. Na segunda etapa, realizamos entrevistas reflexivas<sup>1</sup> com quatro alunos idosos da modalidade de EJA no município de Mariana-MG. Em seguida, aplicamos questionários com duas professoras que atuavam nas salas de aula da EJA no município.

O critério de seleção dos estudantes entrevistados foi ter mais de 60 anos e o das professoras foi ser docente da EJA. A seleção destes sujeitos se deu por meio da metodologia Bola de Neve que, segundo Bernard (2005) e Vinuto (2014), constitui em uma técnica de amostragem em rede, que é útil para estudar populações específicas, e consiste na indicação de um participante por outro. Os entrevistados, com idade entre 61 a 70 anos, foram dois idosos do sexo feminino e dois do sexo masculino, sendo três participantes do Ensino Fundamental I e um do Ensino Fundamental II. As duas professoras que responderam ao questionário são do sexo feminino e lecionam para as turmas de EJA há cinco anos.

A escolha da entrevista reflexiva se deu pelo fato de a técnica proporcionar o estabelecimento de uma relação interpessoal entre o entrevistador e o entrevistado, proporcionando um ambiente propício para a construção de um

<sup>1</sup> CAEE: 55476122.8.0000.5150.



novo conhecimento por meio do encontro de seus mundos sociais e culturais, numa condição de horizontalidade (Szymanski, 2004).

Para realizar a entrevista, foi elaborado um roteiro com um vocabulário mais direto e com palavras pouco complexas para não inibir os estudantes colaboradores da pesquisa, todos com baixa escolaridade, e para que eles se sentissem confortáveis durante o depoimento. O roteiro foi orientado pelo objetivo central do estudo que gerou, além da identificação e dados básicos sobre a condição socioeconômica, os seguintes eixos: trajetória escolar e socialização (antes de ingressar na Educação de Jovens e Adultos) e convivência e vida escolar na EJA. Tais eixos presentes no roteiro de entrevista possibilitaram a criação das seguintes categorias iniciais de análise: trajetória escolar até a chegada à EJA; o relacionamento com os colegas mais jovens na sala de aula da EJA; e as experiências de aprendizagem intergeracional.

O questionário aplicado às professoras teve como proposta trazer informações sobre a experiência das profissionais em sala de aula, compreender se elas tiveram alguma formação para atuar em salas multigeracionais e se encontravam dificuldades em lecionar para este público. As categorias de análise principais foram: formação para atuar em salas multigeracionais e principais desafios para atuar nesse ambiente.

Na última etapa, realizamos a triangulação das fontes, ou seja, analisamos as informações obtidas por meio das entrevistas transcritas e dos questionários à luz da bibliografia, sempre orientadas pelos objetivos da pesquisa e as categorias de análise. Ressaltamos que, em respeito aos preceitos éticos, todos os alunos da EJA e as duas professoras participantes da pesquisa receberam nomes fictícios.

## **RESULTADOS**

### **Trajetória escolar até a chegada à EJA: a ausência de oportunidades**

Assim como apontado por outros estudos (Carvalho, 2023; Carvalho et al., 2020; Silva, 2010), são várias as particularidades que envolvem a trajetória escolar dos alunos em idade regular de ensino ou não. Contudo, as dificuldades se apresentam maiores aos estudantes desta modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, pois eles “(...) realizam um movimento próprio para interpretar esse mundo e traduzi-lo a si mesmo, percebendo-se como parte constituinte de um ou de vários grupos” (Santos; Silva, 2020, p. 3-4).

Os entrevistados neste estudo possuem muitas vivências em comum e a primeira a ser destacada é que todos eles moravam em zona rural durante a infância, apontando como dificuldade o acesso à escola como uma das principais causas por não terem dado continuidade aos estudos. A mobilidade é um grande



fator que influencia na escolaridade dos alunos, especialmente dos que estudaram em escolas rurais antes da universalização da Educação Básica, nos anos de 1990. Se hoje o acesso à escola pelos estudantes habitantes do campo ainda é difícil, esse desafio era ainda mais latente para aqueles que viveram a infância nas décadas de 1960 e 1970, revelando grandes desvantagens sociais que se materializam na falta de oportunidades.

Os relatos também demonstram que o trabalho foi claramente o principal motivo pelo qual os entrevistados abandonaram a escola na infância, além do auxílio nas atividades da casa e da longa distância da residência até a escola no meio rural também, que se destacaram. Todos os idosos encontraram, somente na velhice, a oportunidade de realizar o sonho de ser alfabetizados e/ou de concluir o Ensino Básico. Vejamos a fala do Sr. Antônio e da D. Maria:

Porque só depois de velho que fui ter condições de voltar pra escola.  
Porque agora eu já estou aposentado e meus filhos (sic) tudo criado, aí dá pra estudar (Sr. Antônio, 66 anos).

Eu só fui ter a chance de estudar mesmo depois que eu criei todos os meus filhos, antes eles precisavam de mim e eu não tinha jeito de ir pra escola (D. Maria, 61 anos).

Ao lado da chance de retornar os bancos escolares somente na velhice, cabe ainda ressaltar que o trabalho sempre esteve presente na vida dos quatro alunos que participaram da pesquisa. Coura et al. (2023) afirmam que sair para trabalhar precocemente é um fato recorrente na narrativa de vida dos estudantes idosos da EJA, o que se aproxima do encontrado nesta pesquisa. Os relatos de Sr. Jair e de D. Eva corroboram essa situação:

Eu e meus irmãos não pudemos estudar, além de ser longe a escola, os homens tinham que ajudar meu pai a plantar as coisa (sic) que a gente comia e vendia, e as irmãs tinha (sic) que ficar fazendo as coisas de casa junto com a mãe (Sr. Jair, 70 anos).

Antigamente não era do jeito que é hoje, pelo menos lá onde eu morava era normal as mulheres ajudarem em casa e os homens nos serviços mais pesados (D. Eva, 65 anos).

Os relatos dos alunos da EJA revelam, ainda, que frequentar a escola não era uma opção para eles. Sr. Antônio, de 66 anos, informou que foi à escola poucas vezes na infância, inclusive porque a instituição era distante de onde ele morava. O idoso ainda nos relatou que “(...) só podia estudar quem os pais tinha (sic) muito dinheiro”. Nesse sentido, “(...) a falta de escolas públicas



(principalmente no meio rural, onde as escolas eram poucas e distantes) contribuiu em pé de igualdade com a questão do trabalho precoce para que esses sujeitos não pudessem ir à escola ou nela continuar durante a infância" (Pereira, 2012, p. 22).

Na trajetória escolar dos idosos até o ingresso na EJA vale ainda reconhecer as desigualdades de classe que levaram esses alunos a reproduzirem um ciclo de baixa escolaridade, visto que nenhum dos pais dos entrevistados era alfabetizado. Como nos lembra Bourdieu (1998), é necessário considerar o contexto socioeconômico e a estrutura familiar dos alunos nos estudos sobre educação. Embora a herança familiar e o habitus de classe não sejam fatores determinantes para o sucesso ou insucesso escolar, é inegável que têm grande impacto no processo de escolarização.

Podemos perceber, ainda, pelos relatos dos entrevistados, que são poucas as memórias vivas que eles possuem sobre a infância e, principalmente, sobre a fase escolar. Além disso, destacamos que “(...) as memórias da escola desses estudantes com mais de 60 anos foram construídas ao longo de suas vidas, intercaladas com as memórias do trabalho” (Pereira, 2012, p. 20). Desse modo, os indivíduos que se encontram na Educação de Jovens e Adultos trazem consigo experiências de infância que impediram o acesso ou a continuidade dos estudos, bem como sofreram preconceitos e estigmas que os distanciavam das salas de aula.

Através dos relatos foi possível perceber como a oportunidade de retomar os estudos trouxe favorecimentos para eles, como fazer novas amizades e aprender a efetivar cálculos matemáticos, além da realização de um sonho. Tais informações vão ao encontro do que é constatado por Gouveia e Silva (2015): para os idosos, o retorno à vida escolar pode trazer diferentes benefícios e apresentar variadas motivações, como a conquista da autonomia para cuidar de suas finanças, ler um letreiro de ônibus, utilizar melhor os recursos do celular ou mesmo saber lidar com o dinheiro.

No que diz respeito sobre o retorno dos idosos aos bancos escolares e a realização de um sonho, essa situação foi constatada em outras investigações. A partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, observando o que a literatura tem abordado sobre o amparo do direito legal e a inserção do idoso na modalidade de ensino EJA, durante o período de 2010 e 2020, Evangelista e Osório (2021, p. 426) salientam que os idosos dos dias atuais “(...) desejam estar inseridos no meio social, bem como no mercado de trabalho e aqueles que não tiveram oportunidade de terminar o Ensino Médio querem realizar esse sonho”. Na mesma direção, a pesquisa de Coura et al. (2023) também revelou que os idosos percebem a EJA como um local de realização de sonhos e a escola como um local de realização pessoal, sendo, inclusive, a ida à escola considerada como um



momento de cuidado terapêutico pelos idosos.

Evangelista e Osório (2021), por sua vez, explicam que o idoso na escola acaba por resgatar, muitas vezes, o sentido da vida e o protagonismo de sua própria história. Além disso, a escola propicia aos idosos novas habilidades e amizades, bem como ali “(...) também se ampliam as possibilidades de conhecer e acessar novos espaços, como a ida a museus (Coura et al., 2023, p. 299).

Cabe ainda destacar que, nos últimos anos, houve um aumento da proporção de alunos provenientes da EJA que demonstraram interesse em ingressar em um curso superior (Carvalho et al., 2020). A busca pela graduação pode se relacionar à possibilidade de alcançar melhores perspectivas de trabalho e vida social, bem como à realização de um sonho, como revelou este estudo.

### **O relacionamento com os colegas mais jovens e experiências de aprendizagem intergeracional**

Em uma pesquisa de mestrado que analisou a convivência intergeracional, Soares (2013) buscou demonstrar os benefícios para ambos os grupos (jovens e adultos) a partir da troca de conhecimentos no espaço escolar. O estudo mostrou que a convivência dos estudantes mais velhos com os mais jovens permite um clima mais prazeroso no ambiente escolar, caracterizado pela elevação da autoestima dos estudantes de mais idade, que se sentem motivados pelos mais jovens. Deste modo,

Nota-se que, na perspectiva juvenil, a convivência entre as diferentes gerações na sala de aula favorece tanto os estudantes mais jovens quanto os de mais idade. Quanto aos mais jovens, os benefícios ressaltados são as maiores possibilidades de aprendizagem com a presença dos adultos, visto que estes são considerados sujeitos com mais experiência de vida, as boas interações estabelecidas com os estudantes de maior idade e o incentivo que a presença dos adultos proporciona aos mais jovens, que reconhecem o grande esforço empreendido pelos primeiros para permanecerem na escola (Soares, 2013, p. 119).

Considerando isso, os idosos deste estudo foram questionados sobre como se dava a relação com alunos mais jovens no cotidiano escolar. Inicialmente, nossa hipótese era de que os idosos participantes da pesquisa apresentassem alguma rejeição à presença dos jovens em sala de aula, seja por causa da indisciplina, seja por causa da irreverência ou das conversas paralelas, das diferenças de projetos de vida, dentre outros elementos. Contudo, nossa hipótese não foi confirmada na pesquisa de campo, conforme mostram os relatos a seguir:



Eu acho até bom, porque, fora da aula, a gente convive com todo mundo, de toda idade. E todo mundo com que a gente aprende tem um pouco pra ensinar. Eu mesmo, todo dia, aprendo com meus netos alguma coisa nova. Lá na escola é a mesma coisa, só que às vezes eles não respeitam muito a professora, conversa muito na hora que ela tá (sic) falando (Sr. Antônio, 66 anos).

Eu acho que é até legal ter alunos de idades diferentes na sala, assim tem de tudo um pouco (D. Eva, 65 anos).

Podemos observar, principalmente por meio da fala do Sr. Antônio, que a convivência com outras gerações é algo prazeroso para ele, pois possibilita trocas e traz ensinamentos. Como revela Carvalho (2023), a convivência intergeracional reduz a distância de idade e tempo social e histórico entre os mais jovens e os idosos, bem como possibilita a troca de experiência de vida. Portanto, a escola, ao receber os idosos, contribui para a formação de uma sociedade intergeracional.

Apesar de observar que a diferença de idade dos alunos na sala de aula não é encarada como problema, entretanto, quando questionados sobre os possíveis obstáculos para a convivência e a troca intergeracional, os idosos reconhecem que existe, às vezes, a falta de cooperação dos alunos mais jovens. Tanto D. Maria quanto Sr. Antônio nos informaram que os discentes mais novos, em alguns momentos, conversam no momento da explicação do conteúdo.

Cabe ressaltar que, para os mais velhos, o professor é a grande autoridade da sala de aula, a quem eles devem muito respeito. Por isso, as conversas “paralelas” dos alunos mais jovens os incomodam bastante. Além disso, compreender a matéria dada em sala de aula é mais fácil para aqueles alunos mais novos, ao passo que a conversa atrapalha os mais velhos a prestarem atenção na aula: “O problema é que, às vezes, a gente precisa de mais atenção pra entender o que a professora está falando e eles pegam [o conteúdo] mais rápido, e a gente precisa de ir mais devagar” (D. Maria, 61 anos).

Com exceção das conversas em momentos inapropriados no decorrer das aulas, podemos inferir, pela fala dos entrevistados, que eles não possuem problemas significativos de relacionamento com os alunos mais novos, mesmo afirmando que os objetivos de cada um são diferentes. Com isso, constatamos que a convivência com os mais jovens não é algo que os idosos ouvidos na pesquisa querem evitar. Quando questionados se preferiam salas de aula separadas, isto é, somente para os mais velhos, todos se mostraram contrários a essa divisão, pois consideram a convivência intergeracional proveitosa na medida em que os estudantes mais jovens trazem para o grupo certa vitalidade e “energia”, como mencionado pelo Sr. Antônio.



Todos os entrevistados reconhecem que há situações em que os mais jovens demonstram falta de atenção, compromisso e de respeito com os professores, mas nada disso significa, segundo os depoimentos, graves prejuízos para a aula e para o processo de ensino e aprendizagem. Concordando com Drummond (2009), proporcionar interações intergeracionais e buscar novos vínculos sociais para jovens e idosos é facilitar a construção de novas conexões, gerando benefícios e trocas importantes para aqueles que valorizam saberes distintos.

Visando ainda conhecer um pouco mais sobre a relação dos estudantes idosos com os docentes, questionamos sobre a postura da professora em sala de aula.

Os relatos revelaram que os idosos participantes da pesquisa se mostraram bastante satisfeitos com as práticas docentes e o modo de conduzir as aulas na EJA:

A professora aqui é boa demais, ela tem paciência com a gente e ensina todo dia uma coisa nova. Eu gosto muito de aprender com ela... Ela não briga com os alunos que fazem bagunça não... mas não é todo dia, só às vezes que eles ficam conversando e mexendo no celular na hora da aula (Sr. Antônio, 66 anos).

As professoras que têm são muito boas, eu gosto de todas. Pra ser professora tem que ter paciência, né?! Tem aluno que às vezes desrespeita, não presta atenção. Mas eu gosto muito (D. Maria, 61 anos).

Os depoimentos dos idosos nos mostram que as relações intergeracionais, em especial na EJA, requerem um olhar sensível dos professores que atuam nesta modalidade de ensino, buscando trabalhar no sentido de aproximar faixas etárias tão distintas no universo escolar. Significa também analisar os conteúdos e as práticas pedagógicas com as demais dimensões da vida desses sujeitos para descobrir o que unifica e o que distancia uns dos outros (Carrano, 2007 apud Silva, 2010). Assim, refletir sobre a diversidade etária e geracional dos educandos da EJA significa considerar os acúmulos teóricos e as constatações de pesquisas na educação dos jovens, das pessoas adultas e idosas, bem como entender as estratégias e os desafios vividos pelos professores que atuam nas salas de aula multigeracionais.

## **A escolarização nas salas multigeracionais: o que nos dizem as professoras**

Indo ao encontro do que Freire (2005) sempre defendeu, ou seja, a



valorização do saber popular e a conscientização para a participação, nesta pesquisa buscamos também entender como os professores que atuam na EJA constroem estratégias educativas visando contemplar o processo de ensino e a aprendizagem para um público tão diverso. Portanto, duas professoras que lecionam para os alunos entrevistados foram convidadas a responder um questionário sobre suas práticas docentes em salas multigeracionais.

Sobre o perfil das investigadas, existem alguns fatos em comum a serem levados em consideração. As duas possuem mais de 10 anos trabalhando como docente e em torno de cinco anos na modalidade da EJA. Atuam na mesma escola que pertence à rede municipal da cidade de Mariana-MG e ambas possuem formação em Pedagogia e lecionam para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A respeito da formação das duas participantes, nota-se que nenhuma delas possui preparação específica para atuar na Educação de Jovens e Adultos, retratando um problema que acontece na formação de professores nas universidades do país.

Como ressaltam Gadotti e Romão (2003), os professores que lecionam na EJA, em sua maioria, não têm preparação adequada para ministrarem aulas para este público. Além disso, os autores sinalizam para a ausência de atenção governamental destinada aos processos de formação docentes, como as políticas salariais e jornada de trabalho, que também afetam o processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos. Neste aspecto,

A superficialidade da formação dos educadores da EJA permite que as fragilidades sejam também representadas no processo de ensino-aprendizagem. O fato de não se garantir uma formação específica na qual se discuta realmente as concepções da modalidade e os pressupostos metodológicos a serem nela priorizados demonstra a concepção de que para a EJA qualquer tipo de formação basta, até mesmo a falta de formação (André; Andrade, 2022, p. 5).

Quando as professoras foram questionadas sobre sua maior dificuldade em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos, a Professora 1 afirmou que a infrequência dos alunos tem sido um dos maiores problemas da modalidade. Já a Professora 2 relatou sua dificuldade em “manter os alunos sempre motivados e interessados no conteúdo”. As docentes ainda foram questionadas sobre como adequam suas metodologias de ensino para os alunos jovens e idosos:

Tento aproximar ao máximo da realidade de cada um deles, trazendo conteúdos e exemplos que sejam interessantes para todos, devido ao material didático não ser pensado nessas questões, nem sempre é possível (Professora 1).



Tento atender às necessidades de cada um, com exemplos que possam ser do cotidiano deles e ajudando sempre que preciso (Professora 2).

As respostas trazidas por essas profissionais confirmam um fato que tem sido amplamente relatado na literatura, isto é, o material didático inapropriado para atender este público. Os recursos didáticos são ferramentas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem e, assim, é necessário que o educador da EJA “(...) apresente as possibilidades didáticas e função facilitadora da aprendizagem que os Recursos Didáticos podem representar” (Campos et al., 2020, p. 2).

A respeito da relevância do material didático utilizado na EJA, é imprescindível recorrer a metodologias que levem em consideração os alunos como sujeitos históricos, com histórias de vida marcadas pela desigualdade, e diferenciados ritmos no processo de escolarização. Esses desafios nas salas de aula multigeracionais, portanto, precisam ser discutidos mais amplamente, inclusive porque os alunos da EJA estão mais propensos à evasão escolar, tendo em vista suas trajetórias pessoais, profissionais e escolares marcadas por dificuldades.

Diante das análises trazidas neste artigo, ressalta-se que a postura do professor é um fator determinante na conduta de turmas multigeracionais, visto que, por meio dos seus estímulos e valorização, é possível promover a diversidade etária e seus benefícios para a formação de uma sociedade menos desigual. Nesse sentido, é essencial que os professores da Educação Básica abordem em suas práticas escolares ações educativas que visem à valorização dos idosos, ressaltando os legados geracionais e culturais que estes indivíduos carregam (Carvalho, 2023). Além disso, a permanência dos idosos na Educação Básica só pode ocorrer a partir da criação e da manutenção de políticas públicas que promovam sua inclusão.

## **Considerações Finais**

A população idosa está aumentando rapidamente no Brasil, contudo, ainda é significativo o contingente de pessoas acima dos 60 anos com baixa ou nenhuma escolaridade. Nesse ínterim, a Educação de Jovens e Adultos se constituiu historicamente como uma oportunidade de escolarização para aqueles que não puderam estudar ao longo da infância e adolescência por motivos diversos. Ao chegarem à maturidade, muitos homens e mulheres buscam, nas salas de aula da EJA, a realização do sonho de aprender a ler e escrever e, mais do que isso, procuram na escola um espaço de sociabilidade, de trocas e de aprendizagem constante.

As motivações que levam o idoso a retornar os estudos são diversas,



partindo desde a busca por conhecimento e desenvolvimento pessoal até a aquisição de uma certificação, abrindo-lhes um campo de possibilidades no mundo do trabalho. A superação das dificuldades é conseguida com o apoio dos familiares, o que se constitui em um importante motivador para o retorno do idoso aos estudos. Em geral, o ingresso dos alunos idosos na EJA ocorre por uma combinação de fatores pessoais, profissionais e sociais, entretanto, observamos que o retorno ou a inserção escolar na maturidade não foi motivada pelo diploma.

Os depoimentos dos idosos, bem como os questionários aplicados às duas professoras, confirmaram o que trazem as pesquisas sobre a sociabilidade na sala de aula multigeracional. Os participantes do estudo ressaltaram a importância de os docentes criarem metodologias e técnicas que promovam maior interação entre os alunos, considerando as diversidades e especificidades do público da EJA. O posicionamento do professor diante das turmas multigeracionais é um ponto que consideramos relevante, sendo indicado como um dos principais fatores que influenciam a forma de relacionamento entre o aluno jovem e o idoso.

A pesquisa constatou que as professoras participantes não possuem formação específica para atuar na EJA e o material didático não é elaborado levando em consideração as diferenças etárias, o que dificulta o trabalho docente. Tais fatores também têm sido apontados pelas pesquisas trazidas neste estudo como influenciadores diretos na qualidade da Educação de Jovens e Adultos. Diante da falta de formação que contemple o ensino para as turmas de EJA e de materiais didáticos adequados, as professoras afirmaram adaptar as metodologias de ensino à diversidade do público atendido.

Diante de tais constatações, podemos sintetizar as principais conclusões deste estudo em quatro pontos:

- O retorno ou o ingresso dos idosos à escola na maturidade é decorrente da vontade de aprender, de se inserir socialmente e da realização de um antigo sonho, e não da busca do diploma e de melhores salários;
- Diferentemente do que se esperava encontrar, os alunos idosos gostam de estudar com jovens e não desejam salas de aula exclusiva para eles;
- A convivência entre os dois grupos etários em sala de aula não apresenta maiores tensões, porém, atos de indisciplina, como conversar durante a explicação da matéria, incomodam os mais velhos, que consideram desrespeito ao docente. Por isso, a forma como os professores lidam com as salas multigeracionais é fundamental para a aprendizagem e permanência dos alunos idosos.
- As professoras reconhecem que a falta de formação específica para o ensino na EJA e a ausência de materiais voltados para salas multigeracionais



dificultam o exercício da docência e exigem delas maior esforço na adaptação das metodologias e conteúdos.

Vale ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, os resultados deste estudo não podem ser generalizados. Entretanto, os dados obtidos nesta investigação trazem subsídios para novas pesquisas, uma vez que a EJA é um campo complexo. Por isso, reforçamos a importância de novas perquirições sobre essa modalidade de ensino que considerem suas especificidades e a heterogeneidade dos alunos. Embora a convivência intergeracional na EJA seja cada vez mais comum, a análise da bibliografia sobre o tema publicada nos últimos 20 anos mostrou que ainda são poucos os estudos que se dedicam a compreender a trajetória escolar e as vivências do aluno idoso, bem como são escassos os estudos sobre as relações intergeracionais nas salas de aula da educação de jovens e adultos.

## Referências

ANDRÉ, Ana Paula; ANDRADE, Aparecida de Lourdes Pedroso de. Formação de Professores – a EJA e suas especificidades. **Revista Vozes dos Vales**, n. 21, Ano XI, p. 1-17, 2005. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2022/05/14.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ARROYO, Miguel. Políticas educacionais, igualdade e diferenças. **Revista Brasileira De Política E Administração Da Educação**, v. 27, n. 1, p. 83-94, 2011.

BERNARD, H. Russell. **Research methods in anthropology**: qualitative and quantitative approaches. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Razão Prática** — Sobre a Teoria da Ação. Stanford, CA: Stanford University Press, 1998.

BRASIL. **Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRITTO, Luiz Percival Leme; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. “Leitura do mundo” e educação em Paulo Freire. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QZBhvBTZYjsjjTpgm3Tbgzs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 dez. 2024.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CAMARGO, Janira. A mulher nos documentos da Educação de Jovens e Adultos e Adultas.



**Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 14, p. 155-163, ago./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14298>. Acesso em: 27 jun. de 2024.

CAMPOS, Jean Oliveira; MARINHO, Jardênia de Oliveira; OLIVEIRA, Valda Ozeane Camara Cassiano de; REINALDO, Lediom Rodrigues Lopes Ramos. Contribuição dos recursos didáticos na EJA: uma análise a partir do estágio supervisionado. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/8266/pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de Carvalho; BENTO, Elaine Gonçalo Bento; ANASTÁCIO, Paulo Roberto de Souza; MARTINS, Maraísa Inês de Assis. Estudantes de Licenciatura: trajetórias escolares e escolha da profissão. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 26, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/31790>. Acesso em: 26 jun. 2024.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de Carvalho. **Trajetórias escolares “improváveis”**: a longevidade escolar de universitários de camadas populares criados ou cuidados por seus avós. 2023. 212f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

CARRANO, Paulo. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **REVEJA: Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Belo Horizonte, v. 1, p. 1-11, 2007. Disponível em: [http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos\\_e\\_juventude\\_-\\_carrano.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf). Acesso em: 26 jun. 2024.

CONCEIÇÃO, Letícia. **Me jogaram aqui porque eu fiz 15 anos**: biopolítica da juvenilização da educação de jovens e adultos em Belém, PA (2010-2013). 2014. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

COURA, Isamara Grazielle Martins; EITERER, Carmem Lúcia; SOARES, Leônicio José Gomes. A EJA pelo olhar de estudantes idosos: as motivações para estudar nessa fase da vida. **Revista Teias**, v. 24, n. especial, p. 289-302, abr./jun. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/65894/45928>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DRUMMOND, Edmundo. **Envelhecimento e vida saudável**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

EVANGELISTA, Elizângela Fernandes Pereira; OSÓRIO, Neila Barbosa. O idoso na EJA: desafios e enfrentamentos. **Conedu, Escola em Tempos de Conexões**, vol. 3, p. 421-437, 2021.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.  
FURTADO, Quezia V. F. **Jovens na educação de jovens e adultos**: produção do fracasso no processo de escolarização. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2009.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta (6<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2003.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. Os idosos na educação de jovens e adultos: uma história de exclusão e busca pela educação e cidadania. In: **Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão**: didática e avaliação, 2015. Rio de Janeiro. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO\\_EV047\\_MD1\\_SA8\\_ID1574\\_29052015153423.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA8_ID1574_29052015153423.pdf). Acesso em: 26 jun. 2024.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 714, mai./ago. p. 108-130, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos: Após 20 vinte anos da Lei nº 9.394, de 1996. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, 2017. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/687>. Acesso em: 25 jun. 2024.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. A escola do riso e do esquecimento: idosos na educação de jovens e adultos. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 11-38, set. 2011/fev. 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4541409/mod\\_resource/content/0/JACQUELINE\\_PEREIRA.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4541409/mod_resource/content/0/JACQUELINE_PEREIRA.pdf). Acesso em: 26 jun. 2024.

PY, Ligia. Envelhecendo e subjetividade. In: PY, Ligia et al. **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. 2. ed. Holambra: setembro, 2006, p. 97-120.

REIS, Gilson Soares dos. Educação de Jovens e Adultos: desafios e oportunidades na atualidade. **Revista Internacional de Estudos Científicos - RIEC**, v. 01, n. 01, p. 1-18, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.educacaotransversal.com.br/index.php/riec/article/view/130>. Acesso em: 28 nov. 2024.

RODRIGUES, Delminda Joia Faria. A juvenilização dos alunos da EJA e do PROEJA. In: ARAÚJO, Judith Maria Daniel de; VALDEZ, Guiomar do Rosário (org). **PROEJA**: refletindo o cotidiano. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia Editora, 2012, p. 99-114. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/121>. Acesso em: 26 jun. 2024.



RUMMERT, Sonia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, n. 2, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/296/2017/12/a-educacao-de-jovens-adultos-brasileiros-sec-xxi.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

SANTOS, Leide Rodrigues dos. Mobral: a representação ideológica do regime militar nas entrelinhas da alfabetização de adultos. **Revista Crítica Histórica**, Ano V, nº 10, p. 304-317, dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/2961>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, Pollyana dos; SILVA, Gabriela da. Os Sujeitos da EJA nas Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/TcK5QFPgf6KspwxvpG7qYG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SILVA, Líbia Suzana Garcia da. **Juvenilização na EJA**: experiências e desafios. 2010. 108f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27414>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SOARES, Alix Vanessa Mascarenhas Lima. **A relação juventude e educação em diferentes gerações**: a perspectiva de estudantes da educação de jovens e adultos de uma escola municipal de Feira de Santana (BA). 2013. 154f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.

SUASSUNA, Fernanda. Estudo revela que pandemia afeta mais a saúde mental das mulheres. [online]. **Vida e Estilo**, abril de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/estudo-revela-que-pandemia-afeta-mais-a-saude-mental-das-mulheres>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro, 2004.

TURELLA, Camila Cheker Brandão. **Educação de jovens e adultos**: desafios e avanços. Monografia de Especialização. Goiânia: Instituto Federal de Goiás, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/521/1/Monografia%20TCC-%20Camila%20Cheker%20Brandao%20Turella.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

VIANA, Maria José Braga. Em que consiste a excelência escolar dos meios populares? O caso de universitários da UFMG que passaram pelo programa Bom Aluno de Belo Horizonte. In: PIOTTO, Débora Cristina (Org.) **Camadas populares e universidades**



**públicas:** trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 13-44.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Recebido em: 28/06/2024

Aceito em: 26/11/2024